

Uma ponte entre as teorias da tradução e a prática de interpretação

Para esta aula, a ideia é estabelecer o tão desejado vínculo entre prática e teoria no campo da tradução e interpretação em Libras. Para tanto, você tomará conhecimento de práticas de interpretação que tomam por base teorias formuladas para a tradução, refletirá sobre o caminho de formação do Intérprete de Língua de Sinais, iniciado de maneira fortuita, na prática diária, mas que já ganha sistematização teórica, olhando para um futuro em que o intérprete busca formação específica para a afirmação de seu trabalho na condição de profissão, e não na de ato de caridade social.

Como as teorias da tradução se revelam na prática da interpretação

Para iniciar a discussão e reflexão desejadas nesta seção, cumpre apresentar a seguinte afirmação:

É da teoria, ou da teorização, que derivam as práticas conscientes, lúcidas, capazes, a qualquer tempo, de se justificarem, de se defenderem, de se imporem [...] Da teorização nasce a conscientização (*awareness*). É a partir da conscientização que se faz uma prática verdadeiramente profissional, não escolar. (AUBERT¹, 2003, p. 14-15 *apud* ROSA, 2008, p. 137)

Do excerto é possível depreender que é a teoria que organiza a experiência, possibilitando a recuperação de informações valiosas, a criação de argumentos, principalmente, para justificar as escolhas feitas por cada intérprete, escolhas irremediavelmente diferentes de intérprete para intérprete. Portanto, nessa perspectiva serão apresentados a seguir trechos de entrevistas com intérpretes de Libras, coletadas por Rosa (2008), os quais serão associados às teorias de tradução que os fundamentam ou que poderiam solucionar os problemas neles contidos.

Intérprete 1: Eu me preocupo com os dois, mas há casos que necessito ser “infiel” para ser bem compreendida. Muitas vezes o orador pode procurar contextualizar sua fala de modo que, ao passar para a língua de sinais, o processo intercultural se choque, realidades completamente diferentes e nesse momento eu prefiro ser compreendida.

¹ AUBERT, F. H. Introdução. In: BENEDETTI, I. C.; SOBRAL, A. (Orgs.). **Conversas com Tradutores:** balanços e perspectivas da tradução. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Na verdade, busco trabalhar juntas a fidelidade e compreensão, tenho consciência do compromisso ético com minha profissão, mas ainda é muito complicado esse tipo de conciliação. J. (SP) (ROSA, 2008, p. 166-167)

Intérprete 2: [...] Em ser compreendida. Tenho conhecimento da diferença existente entre língua de sinais e português. Assim, para mim, o mais importante é o que o surdo compreenda, mesmo que para isso eu tenha que explicar muitas coisas que para os ouvintes seja sabido. M. (SP) (ROSA, 2008, p. 167)

Intérprete 3: Quando estou interpretando, minha maior preocupação é... interpretar! Sempre o bom senso é o melhor e o mais difícil de ser conseguido: ser fiel sem ser literal e ser compreendida sem deturpar (acrescentando ou omitindo). Esse é o grande desafio. Dependendo da clientela, posso pender mais para ser fiel (surdos esclarecidos com bom conhecimento linguístico e cultural) ou ser compreendida (surdos que há pouco tempo têm contato com a LS ou têm dificuldades cognitivas/linguísticas). A palavra-chave é BOM SENSO! M. (RS) (ROSA, 2008, p. 169)

A observação que a autora faz sobre os relatos é de que “mesmo não tendo conhecimentos teóricos sobre os Estudos da Tradução, a opção que os ILSs fazem são as mesmas que a maioria dos tradutores” (ROSA, 2008, p. 172). Nesse sentido, o objetivo a partir daqui é explicitar a relação entre essas opções com algumas das teorias da tradução desenvolvidas no campo dos Estudos da Tradução.

Aubert (1994) afirma que a tradução envolve, no mínimo, dois tipos de competências, a saber: (i) competência linguística e (ii) competência referencial. Suas reflexões foram elaboradas tendo em mente a prática de tradução (isto é, tradução de textos escritos), mas elas podem ser aplicadas à interpretação (tradução de textos orais), já que lidam com competências presentes em ambas as modalidades de tradução. A competência linguística diz respeito ao domínio dos códigos linguísticos que estão em contato durante a tradução ou interpretação, incluindo o entendimento, por parte do profissional, de questões ligadas ao léxico, sintaxe, morfologia etc. É importante salientar que essa competência deve ser desenvolvida para as duas línguas em contato: a língua que para o tradutor/intérprete é estrangeira – L2 – e aquela que lhe é “materna”, L1. Essa afirmação não traz uma informação que possa ser considerada como do conhecimento de todos, posto que o domínio da língua materna é, normalmente, deixado de lado. Isso porque muitos consideram esse conhecimento desnecessário, já que acreditam que ser falante nativo de uma língua faz com que a pessoa saiba sobre ela tudo de que precisa. Contudo, isso não é verdade, uma vez que o falante, para ser tradutor/intérprete, precisa ter um saber especializado sobre as línguas com as quais trabalha. Além disso, é bom alertar que, embora a competência linguística seja fundamental para o exercício da profissão, apenas o conhecimento dos dois códigos não é suficiente.

Já a competência referencial, segundo Aubert (1994), consiste no desenvolvimento da capacidade de buscar conhecer e se familiarizar com os referentes² dos diversos universos em que uma atividade de tradução/interpretação pode ocorrer. Assim, por exemplo, mesmo um bom profissional da tradução pode não ter competência referencial em relação à área da medicina para poder traduzir um manual de medicina, porém, ele pode e deve aprender a buscar esse conhecimento por meio de estratégias específicas. O autor faz ainda uma distinção entre a situação ideal e a situação real da reação de tradutores/intérpretes com suas respectivas competências. A situação ideal seria que o intérprete tivesse domínio excelente dos códigos e referências tanto da língua-fonte quanto da língua-alvo, mas a realidade é que sempre há um desequilíbrio entre essas competências em ambas as línguas envolvidas na interpretação. É por conta desse desequilíbrio que muitos erros são cometidos:

Acredito que o principal erro é aquele cometido contra a língua para a qual se está traduzindo: erros gramaticais, erros de sintaxe, erros de vocabulário. O trabalho do tradutor tem de ser perfeito em termos desse tipo de correção [...]. O segundo tipo de erro é cometido contra o sentido do texto. Muitas vezes, o tradutor erra porque diz uma coisa diferente do que diz o original. Mas aqui chegamos àquela questão crucial: traduzir é interpretar. Como a interpretação de um será sempre diferente da de outro, esta é a dimensão mais ampla e mais difícil de avaliar da tradução. (BARBOSA³, 2003, p. 65 *apud* ROSA, 2008, p. 172)

É nessas situações que o intérprete precisa optar por, como indicam os exemplos de 1 a 3, entre ser fiel e ser compreendido, podendo, para tanto, omitir ou acrescentar informações, expressões. A omissão ou acréscimo, em si mesmo, não representa maior ou menor fidelidade, erro grave ou não, tudo depende do resultado obtido, resultado que já pode ser equacionado pela proposta de Gile (1995), apresentada no texto complementar desta aula. Agora, a proposta é entender que tipos de informações podem ser adicionadas ao discurso original.

Em um dos pontos de seu estudo, Gile (1995)⁴ se concentra nos ganhos de informação. A esta o autor chama de Informação Secundária, já a informação expressa no núcleo da Mensagem (M) é chamada de Informação Primária. O objetivo do autor, então, é classificar os tipos de Informação Secundária, che-

² A noção de referente pode ser melhor compreendida ao se pensar na concepção de signo linguístico. Um signo é formado por um significado (conceito) e um significante (a palavra empregada para representar o conceito) e está ligado ao referente, que é o objeto real (ou uma realidade abstrata) a que o signo se refere. Assim, o signo "gato" é formado pela palavra escrita "gato" e pelo conceito de gato (um animal de quatro patas, mamífero, da família dos felinos, de porte pequeno), sendo que qualquer pessoa poderá apontar no mundo real o referente desse signo, isto é, o animal gato.

³ BARBOSA, H. G. **Entrevista. In: Conversas com Tradutores: balanços e perspectivas da tradução.** BENEDETTI, I. C.; SOBRAL, A. (Orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

⁴ GILE, Daniel. *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995. O conteúdo desenvolvido aqui sobre os ganhos de informação toma como base a proposta de tradução de Bartholamei Junior & Vasconcellos (2008), desenvolvida para fins didáticos.

gando a três categorias diferentes: (i) Framing Information (FI) (Informação Contextualizadora); (ii) Linguistically Induced Information (LII) (Informação Induzida por questões Linguísticas); (iii) Personal Information (PI) (Informação Pessoal). A primeira categoria trata de informações que são acrescentadas ao texto de partida para auxiliar o leitor de chegada a compreender conceitos, expressões, que são específicos da língua-fonte. Trata-se de acrescentar informações que contextualizem a mensagem de forma que ela possa ser compreendida. Desse modo, a FI é adicionada, consciente ou inconscientemente, para ajudar o receptor da M a entender a mensagem a partir das formulações verbais. Essa é uma das razões pelas quais textos de chegada (traduzidos) tendem a ser mais longos do que textos de partida.

A segunda categoria de Informação Secundária, (LII), dá conta de informações que são adicionadas ao núcleo da mensagem por questões linguísticas. Assim, na tradução ou interpretação de uma língua para outra há a necessidade de que certos elementos sejam acrescentados de forma que a tradução/interpretação resultante respeite o sistema linguístico da língua de chegada. Nesse caso, as mudanças não são fruto de uma decisão do tradutor/intérprete; na verdade, elas são “exigências” oriundas do próprio sistema linguístico para o qual se traduz. Com isso, esse tipo de informação é adicionada para que se produza um texto (escrito ou oral) que será aceito, do ponto de vista linguístico, pelo público-alvo.

A terceira categoria de Informação Secundária, (PI), tem relação com o estilo do tradutor/intérprete. Tratam-se, nesse sentido, de informações que são acrescentadas à mensagem núcleo por questões particulares envolvendo o profissional da tradução, podendo abranger informações relacionadas com a personalidade do mesmo, seu nível de conhecimento de mundo, ou ainda com suas pressuposições quanto ao grau de conhecimento do leitor de seu texto em relação ao tópico em questão. O fato é que cada um desses tipos de informações secundárias é usado pelos intérpretes para se fazerem compreender pelo surdo, indicando que têm consciência não apenas de seu compromisso com a fidelidade ao original, mas também com a compreensão de seu cliente.

Aspectos importantes para a formação do intérprete de Libras

Nesta seção são explorados alguns pontos a serem perseguidos pelos intérpretes em geral e pelo Intérprete de Língua de Sinais em sua formação, que se

constituem, inclusive, como requisitos para o exercício da profissão. A primeira necessidade que se impõe a qualquer intérprete é o domínio de pelo menos duas línguas:

Não há bom intérprete que não *domine* pelo menos duas línguas. No futuro, você poderá incluir outras, as chamadas línguas passivas, ou seja, línguas *a partir das quais* você é capaz de interpretar. Isso não fará de você um intérprete necessariamente mais competente, mas aumentará sua segurança e sua empregabilidade, na medida em que o torna mais versátil. (MAGALHÃES, 2007, p. 201-202)

Além das duas línguas de trabalho, conforme assinala Magalhães, é recomendável que outras línguas sejam aprendidas, pois além dos benefícios apontados acima, o intérprete poderá dispensar o relé⁵, não dependendo mais do trabalho de outros e evitando o risco de cometer erros em sua interpretação porque houve erro na interpretação relé, o chamado efeito dominó.

Ainda em relação aos aspectos necessários aos intérpretes em geral, Magalhães ressignifica a concepção de leitura que um intérprete precisa ter, desenvolver e praticar:

Entenda que sua capacidade de leitura deve ir além dos livros. Aprenda a ler os gestos, a entonação da voz de seus companheiros de expedição. Vá além das línguas. “Quem não compreende um olhar tampouco compreenderá uma longa explicação”, lembra-nos o poeta Mário Quintana. Aprenda a interpretar fatores externos e ambientais, elementos verbais e não verbais apreensíveis pelos cinco sentidos. (MAGALHÃES, 2007, p. 202-203)

Observe que a leitura de livros não é descartada por Magalhães, apenas há a ênfase para o fato de que a leitura não se restringe a isso. O ato de ler é atribuir significado, construí-lo a partir do que chega até você e da bagagem que você possui para dialogar com o que lhe chega. O significado não é um produto, estático, passivo, à espera de ser descoberto, ele é construção, processo ativo, que envolve o objeto a conhecer e o sujeito que conhece. Essa concepção de leitura pode e deve ser empregada a todos os fatores que circundam a situação de interpretação, não há por que o intérprete se restringir a construir significado apenas a partir de palavras, sinais.

No que diz respeito à formação de Intérpretes de Línguas de Sinais, Rosa (2008), recorrendo ao que estabelece a Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), diz que para o exercício dessa profissão são necessários três requisitos básicos: conhecimento sobre a surdez, domínio da língua de sinais e bom nível de cultura. O primeiro requisito tem relação com a forma como o intérprete vê o surdo e como isso pode influenciar sua prática interpretativa. Se o intérprete encara a situação do surdo sob a perspec-

⁵ Quando é necessário interpretar a partir de outra interpretação da língua-fonte, ou seja, há uma língua intermediária entre a língua-fonte e a língua-alvo.

tiva da deficiência, que precisa ser tratada, “curada”, atuará de forma assistencialista, considerando-se um “ajudador” do surdo, e não um profissional. Por outro lado, se o surdo for visto como um indivíduo com língua e cultura diferentes, o intérprete assumirá o papel de profissional da tradução/interpretação, responsável por mediar a comunicação entre culturas e línguas diferentes.

A questão do domínio da língua de sinais é ponto pacífico entre os que pretendem se tornar ILS, embora nem todos os aspirantes tenham o nível de fluência necessário, todos sabem da necessidade de domínio da língua-alvo. Essa mesma consciência, no entanto, não se verifica no que diz respeito ao domínio da língua portuguesa:

Uma questão bastante ignorada na formação de Intérpretes de Língua de Sinais é o quanto esse profissional deveria conhecer a língua portuguesa; talvez seja pelo fato de: a) o não reconhecimento do direito do cidadão surdo ter um profissional competente; b) a imagem desqualificada e assistencial do ILS – qualquer um serve; c) a LS é concebida como um código de segunda ordem em relação ao português – qualquer um que fale português e conheça os sinais também serve. (ROSA, 2008, p. 135)

Essa realidade precisa ser desconstruída para o bem da profissão e para o bem do surdo enquanto cliente que tem direito ao acesso da informação da maneira mais adequada, plena e coerente possível. O ILS deve compreender que a ascensão da profissão está atrelada à ascensão do surdo em todas as esferas sociais – só existem profissionais de interpretação onde a interpretação é necessária, sendo que a necessidade da interpretação se relaciona com as atividades, os contatos pessoais e profissionais vivenciados pelo cliente, e se manter na profissão demanda contribuir para que os objetivos do cliente sejam alcançados na situação de interpretação (entender uma aula, se atualizar num simpósio, defender-se perante a Justiça, tornar a realidade do surdo conhecida, conhecer as instruções no primeiro dia de trabalho etc.). Como se não bastassem esses motivos, uma boa interpretação em Libras é inviável se o intérprete não entender e conhecer bem a língua de partida, o português; da mesma forma, não se pode esquecer que também a interpretação da Libras para a língua portuguesa é exigida desse profissional.

Saber dos aspectos importantes na formação do ILS é fundamental para a reflexão de como esse profissional se constitui e de como se deseja que a sua formação se dê, tarefa para a próxima seção.

Como se constitui um intérprete

Como você deve saber, estudante, muitos Intérpretes de Línguas de Sinais se constituíram, se tornaram intérpretes de maneira fortuita. Não tinham, em sua maioria, a intenção de serem profissionais, apenas se interessavam pela língua e cultura dos surdos, aprendendo-as no dia a dia, em contato com a comunidade surda. Levando esse fator em consideração, Rosa (2008, p. 140, grifo da autora) afirma que até muito recentemente a história dos intérpretes apresentava dois locais de formação: “a igreja e os lugares públicos frequentados por surdos. [...] e *ser reconhecido como intérprete* depende da legitimação desse papel por um grupo de surdos”.

Assim, não são poucos os relatos de intérpretes que começaram suas trajetórias por serem amigos, parentes ou auxiliares dos surdos no contexto religioso, e, quando menos esperavam, sem se dar conta, estavam interpretando para os surdos. A concretização do papel de intérprete, independentemente da intencionalidade, dava-se por meio da aceitação dos surdos em nomeá-lo como tal. Atualmente, existem os cursos de certificação da Feneis (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) e o ProLibras, mas, em última análise, tal como considera Rosa (2008), trata-se da institucionalização do crivo da comunidade surda em relação ao intérprete, já que tais certificados atestam apenas a fluência na língua de sinais. Claro que isso resolve, em termos de emergência, a situação dos profissionais no Brasil, já que os cursos para formar intérpretes e mesmo os cursos de Libras surgiram apenas há alguns anos:

Vale lembrar que a oferta de cursos de língua de sinais com instrutores surdos é bem recente; na cidade de Campinas, especificamente, esses cursos começaram a ser divulgados em 1999. Anteriormente a esse período, os cursos de língua de sinais eram oferecidos por ouvintes que já realizavam trabalhos em instituições religiosas. Normalmente, os cursos eram oferecidos gratuitamente. (ROSA, 2008, p. 133)

Mesmo com a criação de cursos próprios para o ensino da Língua de Sinais, Rosa (2008) chama a atenção para o fato de que a maior parte dos profissionais fluentes em Libras são aqueles que mantêm contato com a comunidade surda para além dos espaços das instituições de ensino e formação: associações de surdos, eventos, pontos de encontro dos surdos – shoppings, terminais de ônibus etc. Contudo, não pode ser esquecido o papel fundamental dos dicioná-

rios de Libras desempenhado no acesso e desenvolvimento da língua, entre os quais Rosa (2008) cita dois em formato de CD-ROM⁶ e um dicionário impresso⁷, ilustrado. Neste último, produzido na USP e composto por dois volumes, podem-se encontrar quatro entradas para uma palavra: em português, em inglês, em Libras e na escrita de sinais. É classificado por Rosa (2008, p. 134) como “uma obra gigantesca, indispensável a todos os intérpretes”.

Esses instrumentos de aprendizagem, sua produção, seu uso, refletem a realidade de que ao se colocar na sua condição de profissional, “o intérprete de língua de sinais tende a pesquisar sobre a sua atuação e a não se limitar à aprendizagem decorrente da prática” (ROSA, 2008, p. 131). Além desses materiais técnicos, o profissional desejoso por aperfeiçoar sua língua de sinais pode recorrer a vídeos, CDs-ROM, em língua de sinais, produzidos por surdos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), pela LSB Vídeo, pela Editora Arara Azul, entre outras empresas e instituições que trazem coletâneas de histórias infantis, fábulas, clássicos da literatura nacional e universal. Com esses materiais, o ILS pode entrar em contato com formas específicas da Libras empregadas na tradução de gêneros literários, pode comparar as traduções aos textos em português e enriquecer o vocabulário, as estruturas gramaticais etc.

Claro, essas alternativas para que o indivíduo se constitua enquanto intérprete não eliminam a necessidade de convivência com os surdos, pois assim “o ILS desenvolve o seu conhecimento de sinais, que excede os seus aspectos formais e que abrange os usos sociais dela (expressões idiomáticas, trocadilhos etc.) que dela são constituídos” (ROSA, 2008, p. 135). Afinal, a interpretação em Libras corresponde à interpretação oral, uma vez que se trata do uso da língua na condição de fala, e não de escrita. Sob tal circunstância, o intérprete deve ser capaz de interagir naturalmente, fazendo uso também das expressões próprias e específicas da Libras do dia a dia. Saber quando empregar que formas, quais termos técnicos, qual a melhor estrutura sintática, como verter determinadas passagens é uma questão de decisão. Uma questão de poder decidir, entre os conhecimentos que possui, aquele que representa a solução para o problema encontrado; e também uma questão de poder detectar que, por vezes, a solução não está entre os seus conhecimentos e precisa ser buscada. É disso que trata a seção a seguir.

⁶ *Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais* – versão 1.0, Secretaria de Educação Especial-SEESP-MEC-INES, 2002 e o *Dicionário de Libras Ilustrado* – Governo do Estado de São Paulo, junho de 2002.

⁷ CAPOVILLA, Fernando César, RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, Aline Cristina (Eds.). *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. Vol. I e II: Sinais de A a Z. Ilustração de: Marques, Silvana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

Tomadas de decisões frente a situações problemas

A intenção desta seção é explorar a tarefa tradutória como um processo de tomada de decisão, o que exige do tradutor e intérprete a capacidade de identificar, definir e estruturar o problema de tradução com o qual se depara, podendo, a partir daí, estabelecer estratégias com o fim de solucionar tal problema. Em outras palavras, ao se deparar com um problema durante o ato interpretativo ou tradutório, para poder resolvê-lo é preciso que o profissional saiba identificar o que exatamente representa um obstáculo a sua tradução, único meio para decidir que estratégia empregar em prol da dissipação do mesmo. Desse modo, evidencia-se a necessidade dos profissionais da tradução saberem falar sobre suas ações de maneira sistematizada, consciente, para que possam desenvolver seu autoconhecimento enquanto profissionais e assumir responsabilidades pelos processos de identificação e solução de problemas na tradução e interpretação.

A primeira coisa a considerar é que os problemas não tendem a ser os mesmos para todos os intérpretes e tradutores, cada um terá seu problema a resolver, sendo que ele pode coincidir ou não com o problema de outro. Nesse caso, apenas o próprio sujeito que traduz pode delimitar o que se constitui como um obstáculo a sua interpretação. Delimitação que implica poder estruturar verbalmente do que se trata o problema, poder trazer para o plano da consciência o que precisa ser resolvido, posto que isso é condição necessária para que o intérprete possa lançar mão de uma estratégia específica de tradução.

Aqui são apontados dois entre os muitos tipos de problemas com os quais você pode se deparar durante uma tradução ou interpretação: compreensão de palavras na língua-fonte (nem sempre todos os termos estão no dicionário) e retextualização na língua de chegada, isto é, você pode ter compreendido uma frase ou expressão, mas pode ficar em dúvida sobre como expressá-la na língua-alvo. Imagine, então, que você se depara com um problema relacionado à compreensão. Nesse caso, você precisa encontrar estratégias de compreensão do termo empregado, um passo para isso é pensar: “O que eu posso fazer para compreender isso?” Dependendo da situação, numa tradução de texto escrito para a Libras que será filmada, para a qual é possível preparar antecipadamente um esboço de tradução, você pode procurar pelo termo em dicionários mono-língues da língua-fonte, em enciclopédias, pode procurar na internet, perguntar

a tradutores mais experientes etc. No caso de uma interpretação simultânea, na qual, geralmente, não há tempo para esses tipos de consultas, você pode tentar alcançar o significado do termo considerando o contexto no qual ele ocorre, levando em conta o assunto do discurso interpretado, os objetivos, o público, todas essas são pistas que podem ajudar a construir o significado de um termo a partir do contexto.

Interpretar é tomar decisões, e a boa decisão depende não do volume de informações disponíveis, mas de nossa capacidade de extrair o máximo de significado mesmo da menor fatia de realidade. Isso é particularmente importante diante de limitações como tempo, processamento e conteúdo. (MAGALHÃES, 2007, p. 188)

Ter conteúdo linguístico e cultural “de sobra” é uma medida preventiva para não se correr o risco de estar a todo tempo na corda bamba sobre como expressar algo na língua-alvo. Nesse tocante, as estratégias geralmente consistem em usar a datilologia, sendo que alguns intérpretes apenas soletram o termo – como se o surdo pudesse, apenas a partir disso, alcançar o significado do termo na Libras –, outros, cientes de que a soletração por si mesma não colabora no caso de termos desconhecidos, soletram o termo, explicam o que significa, e o soletram novamente para reforçar que a palavra soletrada corresponde à explicação dada. Essa última estratégia, mais do que a de apenas soletrar, apresenta a vantagem, a depender do nível de conhecimento do público, de o intérprete acabar recebendo de algum surdo na plateia o sinal adequado ao que precisa expressar. Por fim, o bom intérprete há que ter sempre em mente que “[...] o objetivo final da interpretação é comunicar” (MAGALHÃES, 2007, p. 55).

Texto complementar

Técnicas de tradução/encenação da Libras no AVEA do curso

(QUADROS; SOUZA, 2008, p. 177-182)

No contexto apresentado, algumas soluções tradutórias adotadas pela equipe de tradutores/atores surdos estão sendo construídas a partir das próprias práticas de tradução. Essa equipe de trabalho foi formada recentemente dentro do curso de Letras Libras, pois, inicialmente, não se tinha a consciência de que os textos em língua de sinais resultantes das “filmagens” (como

era considerado inicialmente) consistiam em textos traduzidos. A partir dos problemas encontrados nos textos produzidos, bem como na complexidade para se chegar a um bom texto, foi percebido o acontecimento de processos tradutórios.

Assim, a equipe passou a ser constituída enquanto equipe de tradução. Paralelamente, uma atividade de tradução de textos sobre a língua de sinais no inglês para o português estava acontecendo, seguindo um método de trabalho altamente sofisticado (QUADROS; VASCONCELLOS, 2008). A partir disso, a equipe de tradução do curso de Letras Libras passa a buscar soluções, considerando teorias e métodos dos Estudos da Tradução que poderiam ser implantados nas práticas tradutórias do português escrito para a Língua Brasileira de Sinais. As técnicas estão sendo concebidas e testadas a partir de práticas e reflexões teóricas. Todo o trabalho está focado na melhoria da dinâmica de tradução dentro das diversas instâncias do AVEA desse curso, tendo em vista também a urgência em nível de prazos de finalização dos textos traduzidos para disponibilização ao público-alvo, ou seja, os estudantes.

Então, nesse momento, apresentamos as etapas nas quais se desenvolveram as atividades tradutórias, incluindo algumas “soluções”, que se transformam em técnicas no dia a dia dos tradutores/atores.

Dessa forma, comentaremos dois trabalhos norteadores dessas práticas e atividades tradutórias, ou seja, Gile (1995) e Cokely (1992) e, por fim, descreveremos de maneira geral a rotina tradutória vivenciada pela equipe, exemplificando isso com base nas traduções de textos de uma determinada disciplina do curso de Letras Libras, valendo-nos do recurso das glosas com símbolos como amparo de nossas atividades tradutórias.

[...]

Considerando o leque de teorias e métodos disponíveis no nível de Estudos da Tradução, qual(is) seria(m) a(s) vertente(s) ou modelo(s) teórico-metodológico(s) que poderia(m) servir de amparo para o conjunto de práticas de tradução/encenação desenvolvida pela equipe de tradutores/atores surdos?

Destarte, uma das demandas fortes que surgiram depois de consultas prévias aos tradutores/atores surdos foi a fidelidade na tradução. Em relação a isso, por diversas vezes emergiu o histórico conflito tradutório de se tra-

duzir “palavra por palavra” ou “significado por significado” (MUNDAY, 2001). Como já mencionado, Magalhães e Alves (2006) perceberam que esse tipo de problema surge entre tradutores novatos. Aos poucos, o grupo passou a compreender o quanto era importante a tradução dos sentidos. Diante disso, tornou-se um desafio traduzir significados de uma língua escrita com textos também disponibilizados aos alunos para uma língua visual-espacial, a língua de instrução do curso. Como evitar o português sinalizado? Como ter o português “por perto” de nossa tradução em Libras sem deixar de lado o nosso objetivo de gerar ensino e aprendizagem com o que traduzimos?

Em uma tentativa de responder a essas inquietações da equipe, fomos ao encontro das ideias discutidas por Gile (1995) em seu texto *Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training* (ou *Modelos e Conceitos Básicos para o Treinamento de Tradutores e Intérpretes*). No terceiro capítulo, ele discute a respeito da “Fidelidade na Tradução e Interpretação” (1995, p. 49) e, depois de algumas considerações iniciais em torno do trabalho de tradutores e intérpretes, Gile apresenta seu modelo de composição de um texto na língua-alvo. Para ele, um texto produzido na LA é composto de uma série de elementos diferentes de forma que, didaticamente, teríamos este diagrama (GILE, 1995, p. 61):

$$\text{TLText} = \text{M} + \text{FI} + \text{LII (of SL)} + \text{LII (of TL)} +$$

Nesse diagrama, temos que “TL Text” pode ser traduzido como “Texto produzido na língua-alvo”, ou, simplesmente, “Texto na LA”. O “M”, que vem de *message*, encontra em “Mensagem” uma possível solução tradutória. Já o “FI”, em inglês, constitui uma abreviatura para *Framing Information* e, em português, poderia ser traduzido como “Bagagem de Informação do Emissor” (BI). Os termos “LII (of SL)” e “LII (of TL)” correspondem, em inglês, a *Linguistically Induced Information (of Source Language)* e *Linguistically Induced Information (of Target Language)*, os quais, em português, poderiam corresponder, respectivamente, à Informação “Induzida Linguisticamente conforme a Língua-Fonte (IIL[LF])” e “Linguisticamente conforme a Língua-Alvo (IIL[LA])”. Por fim, o modelo de Gile traz a “PI”, ou seja, a *Personal Information* (ou, em português, a “Informação Pessoal [IP]”).

Assim, uma possível solução tradutória desse modelo pode ser proposta:

$$\text{Texto na LA} = M + BI + IIL [\text{da LF}] + IIL [\text{da}$$

Por extenso, seria possível termos a seguinte leitura: “um texto produzido na língua-alvo é composto de vários elementos, tais como: mensagem, bagagem de informação do emissor, informações induzidas linguisticamente conforme a língua-fonte e a língua-alvo, como também as informações pessoais do tradutor”.

Gile nos trouxe um modelo que ilustra a preocupação tradutória em torno do quesito (in)fidelidade, preocupação essa com presença constante em meio ao conjunto de atividades e práticas tradutórias em Libras. Então, compreender que existe uma “equação” aplicável ao trabalho já em andamento constitui um elemento facilitador para a equipe que, agora, poderia dispor de um amparo teórico em nível de Estudos da Tradução. Além disso, os tradutores/atores poderiam ter a oportunidade de começar a enxergar suas soluções tradutórias como sendo algo plural, ou seja, algo que é resultado de um conjunto de elementos que, um a um, têm seu papel durante o processo.

Quando relembremos as primeiras reuniões para a aplicação prática desse modelo proposto por Gile, recordamos as colocações enunciadas pelos tradutores/atores em relação ao que vinham traduzindo no nível de conteúdos programáticos de ensino do curso de Letras Libras, como também das exclamações que eles mesmos faziam logo após perceberem por si mesmos que os elementos do modelo com o qual estavam começando a se familiarizar eram consonantes. Isso os deixava mais tranquilos e amparados para seguirem traduzindo, porque, a partir de então, eles tinham em mente tanto o objetivo do processo tradutório – o qual era gerar ensino e aprendizagem do conteúdo traduzido para o AVEA do Letras Libras – quanto o modelo de fidelidade tradutória do texto produzido na LA, bem como outras estratégias como a *explicitação* e a *transliteração*.

Gile (1995, p. 62) considera pertinente a “explicitação” nas práticas tradutórias, por tornar os textos-alvo mais claros. Em relação ao contexto em língua de sinais vivenciado pela equipe de tradutores/atores, ficou claro para eles

que fazer uso de uma linguagem marcada de elementos de explicitação não viria a constituir um fator de empobrecimento do processo tradutório protagonizado por eles. As experiências trocadas com a equipe de tradutores do material sobre língua de sinais (QUADROS; VASCONCELLOS, 2008) também contribuíram nesse sentido, pois o fato de introduzir “notas de tradutores” incorporadas ao texto foi entendido como uma decisão de qualquer tradutor que está relacionada com o contexto da tradução.

No caso dos textos do curso de Letras Libras, em que o texto na Língua Brasileira de Sinais passa a ser o texto na língua de instrução, é fundamental submeter o texto original ao texto na língua de sinais. A decisão, portanto, é de inclusão de informações que sejam fundamentais na organização do sentido no texto na língua de sinais, que teve sua origem em um texto no português. A construção discursiva na Língua Brasileira de Sinais apresenta uma estratégia muito recorrente: o uso de exemplos para explicar conceitos. Na construção discursiva do português, isso não é muito comum. Mesmo assim, os textos na língua de sinais passaram a integrar algumas explicações, ainda que essas não estivessem explicitadas na LF, como se fossem “notas de rodapé” do tradutor incorporadas no texto na língua de sinais. Isso poderia ser um *link* dentro do texto escrito, uma vez que estamos lidando com um ambiente de ensino virtual, no entanto, ainda não encontramos uma solução para conectar isso tudo dentro do texto sinalizado.

Finalmente, no texto de Isham (1998, p. 231-235) – o verbete sobre Interpretação de Língua de Sinais da Enciclopédia de Estudos da Tradução (BAKER; MALMKJAER, 1998) – também é discutido sobre o uso da estratégia da transliteração, ou seja, transpor uma palavra, letra a letra, de uma língua oral (como o português, por exemplo) para uma língua de sinais (como a Libras). Esse recurso, que para boa parte da equipe de tradutores/atores era conhecido como “empréstimo linguístico,” passou a ser mais um elemento embasado teoricamente em nível de Estudos da Tradução, o qual, quando houvesse necessidade, poderia ser utilizado no decorrer do processo tradutório. [...]

Dicas de estudo

Traduzir com Autonomia – estratégias para o tradutor em formação, de Fábio Alves, Célia Magalhães e Adriana Pagano (Ed.). São Paulo: Contexto, 2000.

A obra apresenta alguns mitos que os iniciantes na profissão de tradutor precisam enfrentar e propõe estratégias que levam os tradutores a tomar decisões autônomas e conscientes em relação ao seu trabalho.

Uma Leitura da Tradução de Alice no País das Maravilhas para a Língua de Sinais, de Clélia Regina Ramos, 2000. Tese (Doutorado). Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/cadernoacademico/006_teseleila.pdf>.

A leitura serve de exemplo de tradução de texto escrito para a Libras, apresentando teorias da tradução que fundamentaram o processo e servindo de base de estudo para métodos e soluções tradutológicas no tocante à tradução de textos escritos para a Libras.

Atividades

1. Apresente e discuta o modelo de composição de texto na língua-alvo. Utilize, para tanto, a fórmula traduzida por Quadros e Souza (2008) no texto complementar.

2. Em que aspecto o modelo desenvolvido por Gile é útil à prática cotidiana dos tradutores/atores surdos, conforme relato de Quadros e Souza (2008)?

3. Correlacione os tipos de informações secundárias adicionadas à mensagem núcleo de um discurso, definidos por Gile, e a estratégia de “explicitação” nas práticas tradutórias, para tornar os textos-alvo mais claros, também abordada por Gile e tratada no texto complementar desta aula.

Referências

AUBERT, Francis Henrik. **As (In)Fidelidades da Tradução**: servidões e autonomia do tradutor. Campinas: Unicamp, 1994.

BARTHOLAMEI JUNIOR, Lautenai Antonio; VASCONCELLOS, Maria Lucia. **Estudos da Tradução I**. 1. ed. Florianópolis: CCE/UFSC, 2008.

GILE, Daniel. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

MAGALHÃES, Ewandro Junior. **Sua Majestade, o Intérprete**: o fascinante mundo da tradução simultânea. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

QUADROS, Ronice Müller de; SOUZA, Saulo Xavier de. Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. *In*: QUADROS, Ronice Müller de (Org.). **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

ROSA, Andréa Silva. **Entre a Visibilidade da Tradução da Língua de Sinais e a Invisibilidade da Tarefa do Intérprete**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

Gabarito

1. A partir da fórmula traduzida por Quadros e Souza (2008) é possível dizer que um texto produzido na língua-alvo é composto de vários elementos, tais como: mensagem, bagagem de informação do emissor, informações induzidas linguisticamente conforme a língua-fonte e a língua-alvo, como também as informações pessoais do tradutor. A mensagem é o núcleo do discurso que deve ser veiculado, a bagagem do emissor lhe permite acrescentar informações secundárias para contextualizar a mensagem ou então são incluídas informações de cunho pessoal. Informações também podem ser acrescentadas para fazer a acomodação linguística durante a retextualização do texto para a língua-alvo.
2. Segundo os autores, Gile elaborou um modelo que ilustra a preocupação tradutória em torno do quesito (in)fidelidade, preocupação essa com presença constante em meio ao conjunto de atividades e práticas tradutórias em Libras.

Então, compreender que existe uma “equação” aplicável ao trabalho já em andamento constitui um elemento facilitador para a equipe que, agora, poderia dispor de um amparo teórico no âmbito dos Estudos da Tradução. Além disso, os tradutores/atores poderiam ter a oportunidade de começar a enxergar suas soluções tradutórias como sendo algo plural, ou seja, algo que é resultado de um conjunto de elementos que, um a um, têm seu papel durante o processo.

3. Resposta mínima do aluno deve considerar que as estratégias de explicitação, quando entram em jogo, trazem para o texto produzido na língua-alvo informações secundárias, mais especificamente as informações ditas contextualizadoras (bagagem do tradutor) e de cunho pessoal, já que as de acomodação linguística são uma exigência do processo tradutológico em si, e não uma escolha que o intérprete pode optar por tomar ou não.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

